

Experiência e bom senso na negociação da dívida externa

No final deste mês, com seu plano de controle macroeconômico a tiracolo, o ministro Bresser Pereira viajará a Washington para uma primeira rodada de conversações que poderão levar à suspensão da moratória externa. Todas as partes envolvidas nas negociações têm consciência de que elas serão prolongadas e difíceis, em virtude da atitude cautelosa dos bancos privados — hoje bem mais preparados para enfrentar devedores em dificuldades — e dos notórios obstáculos políticos internos a um acordo que conte com a aprovação do Fundo Monetário Internacional, considerada indispensável pelos credores.

- 9 JUL 1987

Apesar dessas restrições, o ministro da Fazenda já definiu as grandes linhas de sua estratégia em relação ao problema da dívida. O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e o ex-presidente do BC, Fernão Bracher, na condição de assessor especial do Ministério da Fazenda para questões da dívida externa, receberão a incumbência de negociar com o comitê de assessoramento dos bancos privados. A missão de ambos é conduzir os entendimentos de maneira profissional, segundo as diretrizes estabelecidas pelo ministro Bresser Pereira, ao qual caberá o lado político das conversações nos contatos que terá com o FMI, o Banco Mundial e o governo dos Estados Unidos.

De início, só podemos considerar digna de elogios a coragem revelada pelo ministro Bresser Pereira, que não hesitou em convocar um homem com a experiência e reconhecida competência de Fernão Bracher para sua equipe, mesmo sabendo de antemão das reações iradas que essa decisão iria provocar junto aos radicais do PMDB. Esses políticos irresponsáveis não perdoam Bracher pelo fato de ele ter sido, até o último minuto, contrário à moratória.

A presença de Bracher pode desagradar o grupo peemedebista que condena a política econômica do ministro da Fazenda, mas certamente foi muito bem recebida pelos credores do Brasil, agora confiantes de que poderão dialogar com interlocutores de alto nível e efetivamente interessados em chegar a soluções satisfatórias para os dois lados. Enganam-se, porém, aqueles que encaram a nomeação de Bracher como um sinal de tibieza. Bracher é conhecido pela firmeza com que defende os interesses do País, inclusive em áreas muito sensíveis para os banqueiros. É público, por exemplo, o seu esforço para reduzir os spreads (taxas de risco) pagos pelo Brasil.

E talvez seja do ex-presidente do BC a idéia, anunciada pelo ministro Bresser Pereira, de pedir aos banqueiros o refinanciamento total da dívida brasileira com spread zero, como condição para a suspensão da moratória. Como se sabe, o spread mais favorável já cobrado de um grande devedor é o do México (0,815%), ao passo que o País vinha pagando spreads de 2% nos últimos acordos firmados com os bancos privados.

Ainda é cedo para saber se os credores aceitarão ou não essa proposta do governo brasileiro, mas não temos qualquer dúvida de que a nossa situação externa evoluiu para melhor. Está praticamente confirmado o superávit de US\$ 1,2 bilhão na balança comercial de junho, resultado que mostra o acerto das duas medidas valorizações cambiais feitas pelo ministro da Fazenda. A nosso ver, o dinamismo das nossas exportações é o principal trunfo dos nossos negociadores para os entendimentos com os banqueiros. Mas ainda há muito o que fazer para recuperar a confiança dos credores privados e oficiais, destruída pela desastrosa "gestão" do ex-ministro Dilson Funaro, o maior responsável pela crise cambial que deixou o nosso caixa, isto é, as nossas reservas internacionais, num nível baixíssimo, totalmente incompatível com a dimensão da nossa economia e da nossa demanda de importações.

Que vantagens nos trouxe a moratória do sr. Funaro? Ao contrário do que foi dito à Nação, ela não serviu para elevar nossas reservas nem nos ajudou a obter qualquer concessão dos credores. Na verdade, além de abalarmos seriamente o nosso relacionamento com a comunidade financeira internacional, fechamos as portas dos bancos oficiais para o País, embora o arrogante ministro de então nos tivesse assegurado o restabelecimento do fluxo de financiamentos dos membros do Clube de Paris.

O pior mesmo foi o dano moral causado pela moratória, que afugentou os investidores estrangeiros, inibiu os empresários privados nacionais e prejudicou sensivelmente nosso comércio exterior, ao dificultar o pagamento de importações e provocar incertezas tanto dos fornecedores de bens e serviços para a economia brasileira quanto dos importadores de produtos brasileiros.

Felizmente, com a substituição do sr. Funaro pelo ministro Bresser Pereira, o País começa a readquirir o respeito que sempre mereceu da comunidade internacional de negócios, embora essa atitude esteja ainda condicionada ao sucesso do programa de ajustamento interno que está sendo conduzido pelo atual ministro da Fazenda. Nesse sentido é absolutamente fundamental que o principal responsável pela política econômica continue dizendo ao País a verdade. Se assim proceder, pode estar certo de que contará com o apoio da sociedade para suas propostas racionalizadoras e sensatas, assim como conquistará a confiança de seus interlocutores externos, abrindo portas para o equacionamento da questão da dívida, que vai depender também de um maior envolvimento dos governos dos países industrializados.

A Nação está cansada dos ruídos sem sentido dos radicais do PMDB e disposta a prestigiar o ministro em sua luta para destruir mitos de seus companheiros de partido, os mesmos por sinal que aplaudiram a moratória e outros desvarios da funaronomics (leia-se método rápido e eficiente para levar qualquer economia ao caos). Assim, o sr. Bresser Pereira pode ficar tranqüilo, porque ninguém mais dá atenção a esses demagogos. O que está em jogo é o futuro do Brasil.